

APRENDER A CONVIVER: A COMPLEXA IMERSÃO PESSOAL NA FORMAÇÃO EM TRANSPSICOMOTRICIDADE EDUCACIONAL

Amanda Craveiro Machado

Resumo: Em uma formação Transpsicomotora estamos para além de um estudo acadêmico. Ele, os encontros, circulam em espiral dentro e fora de nosso corpo, num pulsar itinerante e revigorante que nos prende e, ao mesmo tempo, preenche o vazio necessário a quem quer saber mais sobre si, “história cuja presença interfere, sem parar, em nossa vida afetiva e relacional. História que cada um traz em si que lhe é tão pessoal quanto os traços de seu rosto. (LAPIERRE, 1997 p. 59). Esse relato pretende afetar o leitor com o caminho de uma formanda em seu processo pessoal na formação em Transpsicomotricidade Educacional ressaltando a importância de se estar aberto às relações e compreendendo o outro ao tempo em que se descobre sobre si mesmo.

Palavras-chave: Formação pessoal. Psicomotricidade. Pensamento Complexo. Transpsicomotricidade

Abstract: Graduating in Transpsychomotricity we are going far beyond a simple academic study. The encounters circulate like a spiral inside and outside our body, pulsing in an itinerant and refreshing way which enchant us and, at the same time, fulfill the necessary emptiness for those Who want to know themselves better; “*a history, whose presence interferes, non stopping, in our emotional and sentimental lives. A history that is carried out by each one of us, so personal like the features of your face*” (LAPIERRE, 1997 p. 59). This report aims to affect the readers showing the track of a graduating student in Educational Transpsychomotricity underlining the importance of being open to relations and understanding the others at the same time they discover themselves.

Key words: Personal Education. Psychomotricity. Complex Thinking. Transpsychomotricity.

Résumé: Dans une formation Transpsicomotora nous sommes en plus d'une étude universitaire. Il a indiqué que les réunions, la circulation en spirale dans et hors de notre corps, un voyage et le pouls vivifiant nous tenant et en même temps, remplit le vide

Amanda Machado - Graduada em Pedagogia (UniverCidade – RJ). PósGraduação em Psicomotricidade (Universidade Cândido Mendes – RJ). Formação em TransPsicomotricidade Educacional (IFHT/UERJ). Em Formação em Clínica TransDisciplinar com Eduardo Costa. Coordenadora Pedagógica e capacitadora de professores na Creche Curiosa Idade (RJ). amandamachadoped@hotmail.com

nécessaire qui veulent en savoir plus sur l'autre “ l'histoire dont la présence interfère sans arrêt, dans notre vie affective et relationnelle. Histoire que chacun apporte lui-même à elle aussi personnelle que les traits de son visage”. (Lapierre 1997 p. 59). Ce rapport vise à affecter le lecteur avec le chemin d'un stagiaire dans leurs dossiers personnels sur la formation en éducation Transpsicomotricidade mettant l'accent sur l'importance d'être ouvert aux relations et à se comprendre au moment où vous découvrez sur vous-même.

Mots-clés: Personal Training. Psychomotricité. La pensée complexe. Transpsychomotricité

1.Palavras que acendem uma jornada :

“Quem se dá a tarefa de cultivar a poesia tem de poder viver sua complexidade à flor da pele, precisa pulsar o máximo possível, contagiando outros com seu ruído” (COSTA, 2013 p. 139)

Revisitar esse momento da formação em Transpsicomotricidade Educacional é certamente mergulhar em um dos momentos de maior intensidade e aprendizagem na minha vida. Em nenhum momento acadêmico pude deparar-me com as angústias e projeções que fazemos ao lidar com outro ser humano, como assim experimentei no decorrer de três anos, nos quais estudei, aprendi, vivenciei e, acima de tudo, aprofundei em mim mesma.

A escolha do tema para compartilhar com você, leitor, vem do desejo de tocar e disseminar a importância dessa formação não somente para fins de títulos ou conhecimentos, mas para *além da* nossa formação pessoal e para o infinito das relações que estabelecemos em todos os ambientes que frequentamos.

Nestes meus escritos dediquei-me a apresentar a proposta da Formação em Transpsicomotricidade Educacional, mas também em te deixar sentir um pouco do que é vivê-la em toda sua potência e com toda dedicação. Não foi fácil começar e tão pouco terminar, porém percebo que somente aqueles que desejam uma reforma do pensamento devem estar abertos a sua própria reforma e assim, tentar alcançar lugares no outro e com o outro, pelo afeto e empatia.

Amanda Machado - Graduada em Pedagogia (UniverCidade – RJ). PósGraduação em Psicomotricidade (Universidade Cândido Mendes – RJ). Formação em TransPsicomotricidade Educacional (IFHT/UERJ). Em Formação em Clínica TransDisciplinar com Eduardo Costa. Coordenadora Pedagógica e capacitadora de professores na Creche Curiosa Idade (RJ). amandamachadoped@hotmail.com

2. Do viver a Transpsicomotricidade

“Estamos enraizados em nosso universo e em nossa vida, mas nos desenvolvemos para além disso. É nesse além que se dá o desenvolvimento da humanidade e da desumanidade da humanidade.” (MORIN, 2007, p. 50)

A Formação em Transpsicomotricidade Educacional - iniciativa da Profa. L.D. Martha Lovisaro e do Prof. Dr. Eduardo Costa - “surge em 2000, do desejo de encontrar uma linha filosófica mais abrangente que permitisse compreender melhor as tarefas atribuídas ao psicomotricista educacional e clínico, assim com ampliá-las em direção ao contexto sócio-histórico-cultural”. (COSTA E LOVISARO, 2013 p 25.)

O sufixo Trans nos remete o sentido de sempre estar “entre, através e além” e Costa e Lovisaro (1998) afirmam que “esse sentido aplicado ao corpo vai além das polaridades corpo/psiquismo, se dá a partir das polaridades primordiais da linguagem que constituem o conhecimento”

A Transpsicomotricidade tem como base o pensamento complexo (MORIN, 2003) e a Transdisciplinaridade (NICOLESCU, 1999) aliado ao estudo abrangente da Psicomotricidade que “*tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo*” (Sociedade Brasileira de Psicomotricidade). A grande proposta desta formação é oferecer às pessoas a possibilidade de construir uma dialógica onde as partes do conhecimento somam um todo agregador que retroalimenta as partes. Isso ocorre através de encontros que possibilitam aos profissionais construir competências que religuem os saberes e práticas Psicomotoras ao Pensamento Complexo, do bebê ao idoso, através de uma visão Transdisciplinar:

Acreditamos que, numa perspectiva transdisciplinar e complexa, possamos articular as estratégias psicomotoras na educação regular, a partir de um lugar para a corporeidade e suas expressões, que promova a conexão de cada sujeito com sua potência, na autovalorização e na compreensão da necessidade da solidariedade com o outro e com o grupo. Um dos canais possíveis dessa expressão pela ação psicomotora é o Brincar em seu potencial interativo e de vinculação. (COSTA, 2011)

Autores da Psicomotricidade como Lapierre, Aucouturier, Desobeau, Vayer, Vecchiato, formam a base sustentadora das competências do TransPsicomotricista que toma os sete saberes necessários à educação do futuro, de Edgar Morin (2003), como princípios de base na sustentação da prática TransPsicomotora. São eles: (a) *O erro e a ilusão* onde Amanda Machado - Graduada em Pedagogia (UniverCidade – RJ). PósGraduação em Psicomotricidade (Universidade Cândido Mendes – RJ). Formação em TransPsicomotricidade Educacional (IFHT/UERJ). Em Formação em Clínica TransDisciplinar com Eduardo Costa. Coordenadora Pedagógica e capacitadora de professores na Creche Curiosa Idade (RJ). amandamachadoped@hotmail.com

convidamos a perceber que nossa verdade não é única e o outro sempre pode nos ensinar algo; (b) *Os Princípios do conhecimento pertinente* onde buscamos levar a reconhecer que precisamos juntar os conhecimentos de todos para compreender melhor o mundo; c) *A Condição humana* onde proporcionamos uma reflexão sobre nossas singularidades absolutas e como somos iguais, que somos bons e maus, carregamos a dualidade em nós e dependemos uns dos outros para viver (d) *A Identidade terrena* onde cultivamos o sentimento de responsabilidade por tudo que acontece em nosso planeta, compreendendo que fazemos parte da natureza e dependemos dela para existir; (e) *O Enfrentar as incertezas* onde levamos a aprender que não há certezas absolutas, tudo pode mudar, mas que ao mesmo tempo podemos ter algumas certezas para enfrentar o incerto; (f) *O Ensinar à compreensão*; onde buscamos acompanhar os sujeitos em sua busca de autoconhecimento para respeitar mais e compreender melhor os outros e o coletivo; (g) *A Ética do gênero humano* onde propomos o respeito e valorização das diferenças como compromisso para uma vida livre e solidária, não nos comprometendo com uma visão maniqueísta da Ética.

Durante o processo formativo, os encontros acontecem quinzenalmente e, ao final do primeiro trimestre do curso, somos convidados a formar um subgrupo de três ou quatro pessoas, denominado de “Grupo de convívio”, que tem como objetivo ser suporte (uns auxiliando os outros) para cada formando durante as tarefas da formação: Vídeos-registros do formando atuando, apresentações de trabalhos e monografia. Porém, a formação desse grupo vai para além das solicitações do currículo, ele nos leva a “estar junto” o que Nicolescu (1997) diz depender de algumas condições:

“em primeiro lugar, respeitar as normas que regulamentam as relações entre seres que compõem uma coletividade. Porém, essas normas devem ser verdadeiramente compreendidas, admitidas interiormente, por cada ser e não sofridas como imposições exteriores” (p.8)

Sendo esse um dos maiores desafios para a Educação, ou seja, compartilhar experiências sem subjugar o outro, podemos perceber que tal tarefa nos leva a lugares antes impossíveis ou imensamente difíceis de serem acessados. Na liquidez das relações, ter compaixão pelo outro ou desejo de se religar a outras pessoas, em prol de um movimento interno ou externo é algo quase que impossível de ser vivido nos dias de hoje. Tudo é

Amanda Machado - Graduada em Pedagogia (UniverCidade – RJ). PósGraduação em Psicomotricidade (Universidade Cândido Mendes – RJ). Formação em TransPsicomotricidade Educacional (IFHT/UERJ). Em Formação em Clínica TransDisciplinar com Eduardo Costa. Coordenadora Pedagógica e capacitadora de professores na Creche Curiosa Idade (RJ). amandamachadoped@hotmail.com

passageiro, tudo pode ser deletado, ignorado. No Grupo de convívio, essas e outras manifestações do ser humano são postas à mesa, quase que como um convite a experimentar toda nossa essência e, os fantasmas constituídos ao longo de nossas vidas, acabam por ser suscitados naqueles que se entregam verdadeiramente a prática.

Como formação de base sou Pedagoga e tais dificuldades na relação também são vistas em minha prática onde, de certa forma, estamos diariamente em grupo e convivendo. Como educadora, o que vejo no dia a dia, são cada vez mais profissionais que se isolam em suas salas e em seus saberes, sem que ao menos saibam o nome de outros colegas que compartilham o mesmo grupo atendido. Os encontros fugazes, restringem-se às reuniões, que mais servem como forma de reduzir a capacidade de seus próprios alunos sem que ao menos haja um envolvimento para buscar estratégias de melhoria do educando. Em alguns casos, esses momentos ocorrem apenas no cumprimento de uma obrigação coletiva e/ou em uma “pausa para o cafezinho”. Dada a importância desse movimento se estar junto é que somos levados a religar pensamentos e interesses que nos levem a lugares possíveis de transformação, lugares esses que Basseadas (1999) aponta como sendo de suma importância a convivência, uma vez que:

Todos que trabalham na escola ou colaboram na realização de uma tarefa educativa e em busca de uma melhoria de qualidade devem atuar da maneira mais coerente e coordenada possível, se não quiserem que suas atuações sejam parciais, incoerentes ou até contraditórias. (p. 245)

Na prática TransPsicomotora Educacional, essa tomada de consciência é experimentada através das vivências carregadas de simbolismos que nos levam a uma autodescoberta de potências e fragilidades, tudo por meio do brincar livre-expressivo. É nele, que nos conectamos com nosso interior, permitindo que os sentimentos emerjam na possibilidade de reviver questões inacabadas em nossa formação pessoal. Para muitos, estar envolvido no brincar pode parecer uma dinâmica impossível de ser compreendida como fonte de descobertas e mudanças, mas para aqueles que se entregam na relação “fazendo ao mesmo tempo do outro, seu complemento” (LAPIERRE E AUCOUTURIER, 1984, p 35), acabam por se beneficiar muito desses encontros e revelam, posteriormente, quantos deslocamentos na vida puderam ser feitos.

Amanda Machado - Graduada em Pedagogia (UniverCidade – RJ). PósGraduação em Psicomotricidade (Universidade Cândido Mendes – RJ). Formação em TransPsicomotricidade Educacional (IFHT/UERJ). Em Formação em Clínica TransDisciplinar com Eduardo Costa. Coordenadora Pedagógica e capacitadora de professores na Creche Curiosa Idade (RJ). amandamachadoped@hotmail.com

A cada encontro, temos a oportunidade de aprofundar cada vez mais, tendo o Grupo de Convívio para nos dar apoio nessa caminhada e, ao mesmo tempo, despertando questões mais profundas, uma vez que o outro pode nos fazer revisitar diferentes lugares onde nossa história foi escondida. Nesse contexto, viver em grupo se torna ainda mais complexo, já que somos convidadas a expor os desejos, revelar as angústias e refletir sobre nossos comportamentos em relação ao desejo do outro. Tudo isso desperta uma reação que é sentida, elaborada, compartilhada e, posteriormente, analisada pelos formadores que nos auxiliam nessa caminhada, momento em que Lapierre (1997) complementa com toda importância que essa experiência nos traz :

Analisar é encontrar em nós a história de nossas vivências, a história de nossa infância, a longa história de nosso psiquismo. História esquecida, mas sempre presente em nosso inconsciente. História viva, remanejada sem cessar e sempre ativa. História cuja presença interfere, sem parar, em nossa vida afetiva e relacional. História que cada um traz em si que lhe é tão pessoal quanto os traços de seu rosto. (p. 59)

Nessa perspectiva, como não entender ser o Grupo de Convívio em TrPm. Ed. uma ferramenta essencial para a formação do profissional TransPsicomotricista? Como não deixar-se mergulhar em seus próprios questionamentos diante das relações que se estabelecem? Como evitar viver esse movimento?

Essas e tantas outras indagações circulam nos encontros formativos e instigam aqueles que se lançam frente aos desdobramentos, enfrentando seus bloqueios, anseios, frustrações, lágrimas e apegos. Para mim, esse momento foi vivido com uma intensidade quase que impossível de ser pensada no início do curso. Foi preciso mergulhar para enfrentar e, por fim, ter a certeza de ter encontrado o caminho que me levou para além do que podia imaginar.

3. Relatos e lembranças de um caminho

Nunca soube estar em outro lugar que não fosse na escola, seja para ensinar ou para aprender. Com o tempo o lugar do corpo nas instituições foi me chamando cada vez mais atenção, não cabia crianças tão pequenas atreladas em carteiras repetindo o alfabeto, as vogais, os números incansavelmente e tendo momentos livres de 15 minutos nos intervalos de recreio. Que escola era essa que educava a mente antes de despertar o corpo, de percebê-lo como de suma importância para o desenvolvimento das crianças? Então, após quatro anos de Amanda Machado - Graduada em Pedagogia (UniverCidade – RJ). PósGraduação em Psicomotricidade (Universidade Cândido Mendes – RJ). Formação em TransPsicomotricidade Educacional (IFHT/UERJ). Em Formação em Clínica TransDisciplinar com Eduardo Costa. Coordenadora Pedagógica e capacitadora de professores na Creche Curiosa Idade (RJ). amandamachadoped@hotmail.com

formação em pedagogia, que só me aprisionou em uma cadeira e conceitos que também me levariam a aprisionar meus alunos, fui em busca do movimento. Era hora de energizar!

Cheguei ao curso de pós-graduação em Psicomotricidade em uma instituição particular, que me apresentou uma literatura fantástica, onde os teóricos falavam incansavelmente sobre o corpo, a atuação dos professores que engessavam seus alunos e da importância do olhar afetivo para cada indivíduo que em nossas salas chegavam. Encantei-me. Mas ainda era pouco...

Foi quando, atrelado a todo um movimento de cursos, workshops, palestras, congressos, em Psicomotricidade, que conheci a Formação em TransPsicomotricidade Educacional. Não foi difícil escolher pois, entre tantas formações, era a que se encaixava com tudo o que pensava e sentia a respeito da arte de educar. Aproximei-me dos formadores após o encontro vivencial no congresso, agradei a oportunidade e no ano de 2011 estava no primeiro dia de aula.

A proposta Transpsicomotora Educacional religa outros saberes e, a vivência n. 1 de minha vida, chegou unindo o grupo que não se conhecia e no final, falávamos em pensar uma humanidade mais fraternal e espiritualizada, onde o outro é tão importante quanto nós mesmos. Saí do encontro certa do caminho que iria seguir e que sigo até hoje (2017), sempre acreditando que a parceria formada no Grupo de convívio, foi essencial para meu crescimento pessoal, mesmo e sobretudo porque, muitos de nossos fantasmas intersubjetivos gritavam e nos aprisionavam na impossibilidade de “viver a unidade de forma a estar aberto ao novo mesmo que inusitado e reconhecer a complexidade que nos coloca diante da pluralidade das coisas” (COSTA E LOVISARO, 2010 p.111).

Do inferno ao purgatório na tentativa de chegar ao céu. Foi assim que caminhei com o grupo sem perceber que caminhava para dentro de mim, mexendo e remexendo em minha própria história que de alguma forma emergia no convívio com elas: Fabienne e Fabiola, esses são os nomes das figuras mais importantes do meu processo formativo. Em cada encontro, o desconforto próprio de quem se lança na convivência produzia mudanças, que demorei a ver como positivas, mas me levavam à caminhos que certamente sozinha não iria encontrar ou muito menos investigar sua origem, era como se com o passar da idade a história de vida tivesse ficado enterrada em algum lugar dentro de mim e só existia o hoje, ou melhor, o montante que se fez de tudo o que passou.

Amanda Machado - Graduada em Pedagogia (UniverCidade – RJ). PósGraduação em Psicomotricidade (Universidade Cândido Mendes – RJ). Formação em TransPsicomotricidade Educacional (IFHT/UERJ). Em Formação em Clínica TransDisciplinar com Eduardo Costa. Coordenadora Pedagógica e capacitadora de professores na Creche Curiosa Idade (RJ). amandamachadoped@hotmail.com

Fabienne, uma “irmã” admirada que, ao meu ver, no início da jornada, se defrontava comigo enquanto Fabíola, a “irmãzinha”, que precisava ser acolhida por mim, ficava a olhar todo confronto que seguia entre Eu e Fabienne, sem saber ao certo o que dizer e como agir. Era assim que projetava nossa relação.

As vivências durante as aulas e encontros para além das atividades formativas, potencializaram nossos sentimentos e nos levaram a lugares escuros e dolorosos que, de certa forma, nos conduziram, uma após a outra, à terapia pessoal, no qual podíamos resfriar e encontrar um lugar seguro para elaborar todas as questões que surgiam. Era como se ouvisse Lapierre dizendo “você encontrará muitos pais e mães em sua trajetória” só que no caso, eram irmãs.

E foram elas que impulsionaram o contato com meus conflitos, já não cabia mais em mim o ímpeto de controle que a tanto tempo me fazia seguir pelo mundo na pessoa de Amanda que construí. Mas de onde vinha essa necessidade? Seria assim em todas as relações que tenho? Percebi, com o desenrolar da trajetória, que o desejo pelo controle da situação restringia também meu olhar e entrega com o grupo como um todo, por certo, poderia ser mais se pudesse me abrir aos sentimentos e deixar aflorar as emoções. Era preciso retirar as couraças dos olhos e deixar fluir...

Porém, qual seria nossa tarefa ao buscar ir pelo caminho da formação em Transpsicomotricidade senão mergulhar em um mar de incertezas e seguir no infinito de nós mesmas? Como todos, comecei minha jornada com muitas certezas, mas também dúvidas infinitas as quais foi preciso defrontar-me e sentir tudo o que era possível no momento. Demorei, mas aprendi que a qualquer momento poderia recorrer a outras pessoas que seriam parceiras de caminhada, acolhendo meus sentimentos e auxiliando na organização dos pensamentos. Com o tempo de convivência foi possível perceber que juntos somos mais fortes e que não estamos sós, que a entrega às emoções faz com que possamos entender e viver com mais clareza todos os encontros e desencontros da vida.

Com meu grupo de convívio, foi preciso enfrentar as cegueiras do conhecimento e perceber que minha verdade não é única e que preciso ouvir mais o outro para que juntos possamos trilhar um caminho sem que percamos a individualidade. Nos escolhemos por nossa própria história pessoal, muito além de um mero acaso acadêmico. De alguma forma, por meio do olhar, despertamos sentimentos que nos uniram e fizeram nos defrontar com tudo de Amanda Machado - Graduada em Pedagogia (UniverCidade – RJ). PósGraduação em Psicomotricidade (Universidade Cândido Mendes – RJ). Formação em TransPsicomotricidade Educacional (IFHT/UERJ). Em Formação em Clínica TransDisciplinar com Eduardo Costa. Coordenadora Pedagógica e capacitadora de professores na Creche Curiosa Idade (RJ). amandamachadoped@hotmail.com

mais profundo que tínhamos guardado dentro de nós. Foram tantas pulsões de vida e morte que por pouco deixamos de nos permitir viver isso e, para explicar o que sinto com o Grupo de convívio, ousei em pedir licença poética para transbordar meus pensamentos em poesia, pois para mim Grupo de Convívio

“É observar o outro em seu olhar, descobrir naquele instante, afinidades que você desconhece a origem, é querê-lo perto de si e de alguma forma saber que juntos podem fazer mais.

Ele surge no início de sua caminhada e você descobre que tudo o que conhecia sobre trabalhar em grupo era uma ilusão, talvez criada pela falta de convívio que o aprisionamento acadêmico nos conduz. Você percebe que estar em grupo, construir em grupo, é muito mais complexo do que um dia algum curso lhe apresentou. É enfrentar constantemente as incertezas de uma formação ao lidar com o sapiens e o demens de cada um de nós.

Com o tempo, se descobre que a compreensão humana vai além de se estar perto, é preciso estar junto, compreender o outro em suas fragilidades e em sua própria história pessoal que, por vezes, esbarra na sua. É perceber que fazemos parte de um mesmo planeta, que nossa identidade vem da terra, do chão, da natureza e que nela há uma harmonia, uma cadeia de necessidades que se religam e tornam-se única. Essa é nossa condição! Onde juntos, aprendemos a ser fortes, ter apoio para seguir e, acima de tudo, temos a possibilidade de nos tornar mais Humanos.” Amanda Machado

Complexo, não? Mas se fosse diferente não teria escolhido a Formação Transpsicomotora com base no Pensamento Complexo. Tinha que ser assim. Entusiasmante, sentimental, doido, insano, flutuante, profundo...eterno. O que se vive, convive e religa em um Grupo de Convívio, supera quaisquer encontros que se possa ter em uma jornada, pois ela, a Transpsicomotricidade não está te levando para fora e sim, para de dentro de si mesmo.

“só corpos emocionados podem revoltar-se contra o “status quo”, abrir-se, sem receio à queda dos muros disciplinares, zonas de tensão e proteção, especialmente, zonas de poder, difíceis de abdicar” (COSTA E LOVISARO, p. 117, 2013).

E é essa auto-eco-organização do sistema vivo que nutre os acasos, tensões, contradições e erros que acabam nos reordenando de modo mais complexo, a vida em espiral reconfigurando o Todo que há em nós.

4.Conclusão:

“Apenas por meios do enfrentamento de nossos próprios fantasmas, tarefa sempre inacabada, teremos a chance de crescer e auxiliar no crescimento dos outros...” (COSTA, 2013 p.138)

Não foi possível prever o quão longe e que intensidade de fato seria preciso para se fazer a Formação. Tudo o que sabia sobre trabalhar em grupo passou por uma reforma muito Amanda Machado - Graduada em Pedagogia (UniverCidade – RJ). PósGraduação em Psicomotricidade (Universidade Cândido Mendes – RJ). Formação em TransPsicomotricidade Educacional (IFHT/UERJ). Em Formação em Clínica TransDisciplinar com Eduardo Costa. Coordenadora Pedagógica e capacitadora de professores na Creche Curiosa Idade (RJ). amandamachadoped@hotmail.com

além de acadêmica, ela circulou em espiral dentro e fora do corpo, num pulsar itinerante e revigorante que prendia, ao mesmo tempo em que apresentava o vazio necessário para me preencher.

Das amarras criadas pelos encontros e desencontros ao longo da vida, foi possível viver e visitar esses locais a ponto de afrouxá-las a partir de uma tomada de consciência. Hoje, já não estamos mais juntas, trilhamos caminhos e sobrevivemos a nós mesmas, nossas intensidades e fortes paixões.

Durante o tempo vivido em grupo foi preciso experienciar o “viver junto” sugerido por Delors no relatório Sobre a Educação para o Século XXI, para que pudéssemos começar a aprender a “respeitar as normas que regulamentam as relações entre os seres que compõem a coletividade “ (COSTA E LOVISARO, 2013. p 134) uma vez que estar em grupo é estar muito além da perspectiva diária de nossa vida, pois nem sempre estamos prontos para conviver de forma solidária, aceitando as diferenças e abdicando, por vezes, da própria razão.

Foi assim, tropeçando em nossos “Eus” que visitamos um inferno gélido e sofrido que quase chegou a nos paralisar frente a tantas e tamanhas pulsões que só quando se está entregue ao encontro é possível viver. Durante todo o percurso de 3 anos, foi possível revelar afetos antes enrijecidos por nossos próprios fantasmas e, aquecidas, embarcamos nas palavras de Mark Twain e optamos por “preferir o paraíso pelo clima, o inferno pela companhia” de nós mesmas, com o tudo que podemos ser sem medo de ser feliz.

E agora , o que fica? Tudo! Pois em cada uma a um pouco de nós e a religião é inerente. Hoje, volto meu olhar para o início de tudo e posso ver a poesia alcançada para Além de uma realização de Trabalho de conclusão de curso. Viver todas as fases que as relações podem gerar uniu vidas, temores, pensamentos, angústias, amores, sentimentos, amizade...e, de tantas incertezas que ficaram, posso afirmar que encontramos ali, na Formação em Transpsicomotricidade Educacional, a certeza de que escolhemos o melhor caminho, aquele que mais nos completou na complexidade que é ser Humano.

5. Bibliografia:

AUCOUTURIER, B. LAPIERRE, A. Fantasmas corporais e prática psicomotora. São Paulo: Ed. Manole, 1984.

Amanda Machado - Graduada em Pedagogia (UniverCidade – RJ). PósGraduação em Psicomotricidade (Universidade Cândido Mendes – RJ). Formação em TransPsicomotricidade Educacional (IFHT/UERJ). Em Formação em Clínica TransDisciplinar com Eduardo Costa. Coordenadora Pedagógica e capacitadora de professores na Creche Curiosa Idade (RJ). amandamachadoped@hotmail.com

BASSEADAS, Eulália. Aprender e ensinar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 1999

COSTA, Eduardo. Transpsicomotricidade Educacional: Psicomotricidade de base Complexa à serviço da Educação Inclusiva. 2011. Revista de Psicomotricidad.com. www.revistadepsicomotricidad.com/2011/03/transpsicomotricidade-educacional.html, último acesso em 14/01/2013.

COSTA, Eduardo. LOVISARO, Martha. Transpsicomotricidade. Psicomotricidade com base no pensamento complexo e transdisciplinar. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2013.

_____As formações brasileiras em psicomotricidade. Rio de Janeiro: Editora All Print, 2010.

LAPIERRE, André. Da psicomotricidade relacional à análise corporal da relação. São Paulo: Ed. Lovise, 1997.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários a educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2003.

Amanda Machado - Graduada em Pedagogia (UniverCidade – RJ). PósGraduação em Psicomotricidade (Universidade Cândido Mendes – RJ). Formação em TransPsicomotricidade Educacional (IFHT/UERJ). Em Formação em Clínica TransDisciplinar com Eduardo Costa. Coordenadora Pedagógica e capacitadora de professores na Creche Curiosa Idade (RJ). amandamachadoped@hotmail.com